

# VALORIZAÇÃO DOS

Produtor, muito cuidado com a

Os preços dos hortifrútiolos, no geral, apresentaram alta significativa no primeiro semestre de 2008. Para analisar essa valorização, a **Equipe Hortifruti Brasil** criou o Indicador Hortifruti/Cepea de preços no atacado, que agrega nove hortifrútiolos do projeto – cenoura e maçã, que totalizam os 11 produtos atuais do projeto, foram adicionados recentemente. O resultado é que o Indicador do primeiro semestre deste ano é o maior desde 2002, quando foi iniciado o levantamento de preços da **Equipe Hortifruti Brasil**.

Mas, por que os hortifrútiolos subiram tanto? As razões são as mesmas que impulsionaram as commodities agropecuárias no mercado internacional? A resposta é não, tendo em vista que a valorização de produtos comercializados ao redor do mundo se deu principalmente pelo crescimento do consumo em ritmo mais acelerado que o da oferta, havendo apenas em alguns casos aumentos justificados por quebra de produção.

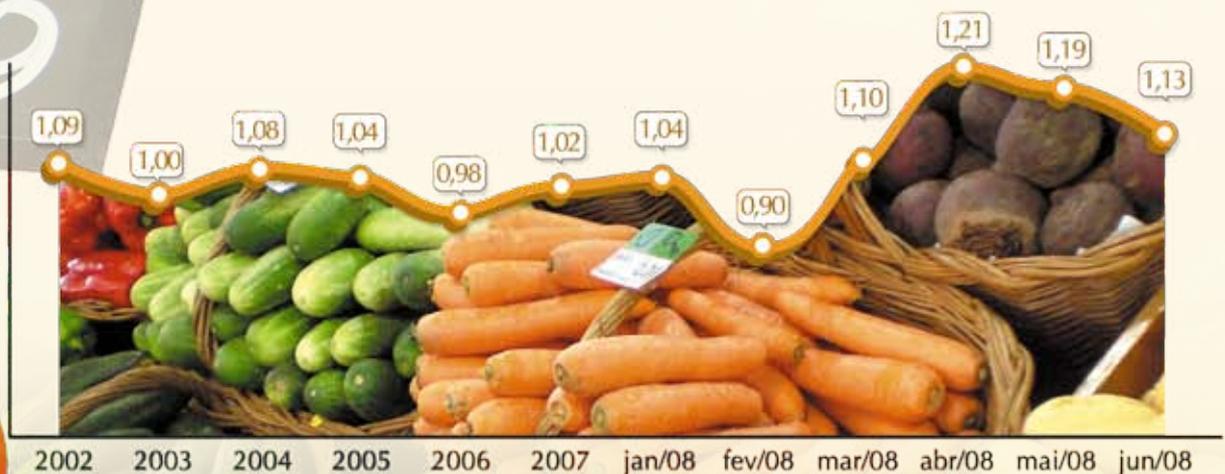
Já no caso do mercado brasileiro de hortifrútiolos, a oferta de praticamente todos os produtos

pesquisados pela equipe do Cepea reduziu no primeiro semestre em comparação com a safra anterior. Em alguns casos, isso ocorreu porque produtores se desestimularam a investir devido ao alto custo de produção, como o mamão; noutras situações, devido a problemas de clima, como o melão, batata e laranja. Para a banana, cebola e tomate, a redução de oferta se deu pela combinação desses dois motivos.

Com base no crescimento da economia brasileira, sabe-se que o consumo interno mantém-se aquecido, mas não há dados que mensurem o impacto de demanda sobre o mercado hortifrútiolo. Observa-se que ela não é suficiente para conter quedas de preços em situações de concentração da oferta, como em tomate que ocorreu em agosto/08. Quanto à demanda externa por frutas brasileiras, de modo geral, as exportações têm aumentado nos últimos anos, mas não o suficiente para impulsionar os investimentos neste setor. A capitalização do segmento exportador de frutas tem sido limitada pela queda do dólar e alta dos custos de produção. Assim, os preços em moeda nacional das principais

## Recorde de preços em 2008

Indicador de Preço de Hortifrútiolos no atacado da cidade de SP - (R\$/Kg)



Fonte: Cepea

Valor médio (anual até 2007; mensal em 2008) de nove produtos-alvo da Hortifruti Brasil (batata, tomate, cebola, manga, melão, mamão, banana, uva e laranja). O Indicador é ponderado pelo consumo médio per capita de cada hortifruti apontando pela Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), do IBGE, de 2003. Os preços foram deflacionados pelo IGP-DI (julho/08).

# HORTIFRUTÍCOLAS

## armadilha dos ciclos de preços!

Por Larissa Gui Pagliuca e Margarete Boteon

frutas exportadas não apresentaram alta significativa neste semestre, ao contrário do observado no mercado interno.

Nos mercados agrícolas, é comum a ocorrência de ciclos de preços, ou seja, um período de valorização significativo seguido por outros de queda. Observando os fundamentos que justificam essas oscilações, analistas da **Hortifruti Brasil** estimam que os principais produtos hortifrutícolas que pesam no bolso do consumidor brasileiro terão seus preços reduzidos neste segundo semestre.

Por outro lado, pesquisadores de outras áreas do Cepea (ver box abaixo) acreditam que os preços das grandes commodities agropecuárias não devem recuar tão rapidamente. Como consequência, os preços dos insumos podem se manter em alta, o que influencia no custo de produção dos hortifrutícolas. A preocupação atual, portanto, é: qual será o impacto na rentabilidade dos hortifruticultores que adquiriram insumos mais caros para produzir neste semestre, mas que podem receber preços menores por suas safras?



### O produtor pode cair mais uma vez na armadilha dos ciclos de mercado

Se a tendência de queda de preços das commodities observada na primeira quinzena de agosto permanecer, o produtor pode, mais uma vez, ter caído na armadilha dos ciclos de mercado, que já deveriam ser bem conhecidos por produtores e agentes que com eles comercializam insumos em geral, com destaque para máquinas. O alerta é do coordenador científico do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), o professor da Esalq/USP Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros, ao tomar em consideração os investimentos substanciais feitos pelos produtores. Pesquisadores do Cepea acompanham mensalmente variações de preços de insumos utilizados em pecuária de corte e de leite, soja, milho e algodão, e seus impactos sobre a margem do produtor. Na análise do professor Barros, ainda é cedo para concluir que a recente tendência veio para ficar. Para ele, seria surpreendente que os preços continuassem em queda, ou seja, que a tendência da primeira quinzena de agosto se mantivesse. Os fundamentos do mercado, ressalta, apontam para uma escassez relativa de commodities considerando a evolução da população e da

renda mundial. “No período mais recente, aparentemente, os agentes passaram a acreditar numa retração nas economias desenvolvidas e emergentes em prevenção contra a inflação que vai se espalhando mundo afora. Sobre essa retração, pairam dúvidas se ela virá realmente e se, em caso positivo, virá na intensidade necessária, que é grande e penosa”. O movimento também recente de valorização do dólar – no Brasil e no mundo em geral – também contraria as expectativas. Na avaliação do coordenador científico do Cepea, os juros nos EUA continuam baixos comparados com os das demais economias importantes. Barros comenta que, embora os EUA venham gerenciando a crise, sabe-se que ela não foi superada e não vai desaparecer tão cedo. De qualquer forma, um aumento do dólar, por um lado, favorece o exportador (mais Reais por dólar exportado), porém, poderá contribuir para uma queda das commodities no mercado internacional (menor preço em dólar). Assim, o balanço final não é claro, pondera. “O mais provável é que um efeito compense o outro e o efeito líquido não seja grande.”

## ALIMENTOS FICAM MAIS CAROS EM TODO O MUNDO

A recente valorização dos alimentos não é enfrentada somente pelos brasileiros. Nos primeiros seis meses deste ano, segundo a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO/ONU), os preços reais de um conjunto de alimentos são os mais altos dos últimos 30 anos, e a perspectiva, também da FAO, é que continuem elevados nos próximos anos. Dos alimentos que compõem esse índice, o que teve maior aumento no período foi óleo vegetal, seguido por grãos, lácteos e arroz.

Outro índice global que mede a variação dos preços dos principais grupos de alimentos é o da revista britânica *The Economist*. Entre 1974 e 2005, os preços dos principais alimentos no mercado mundial caíram 75% em termos reais, segundo aquele índice de preços. Essas quedas fizeram com que muitos tivessem a percepção de que a comida era um bem barato devido aos ganhos de produtividade e que a insegurança alimentar estava relacionada à renda daí por diante, e não mais à capacidade de produção.

A partir de 2006, no entanto, o cenário de oferta/demanda dos alimentos alterou-se significativamente, e os preços reais dos alimentos duplicaram de dezembro de 2005 até final de junho de 2008, segundo o Índice de Alimentos da revista *The Economist*. A partir de julho, o Índice começou a recuar e, em meados de agosto, já era 12% menor do que o observado no final de

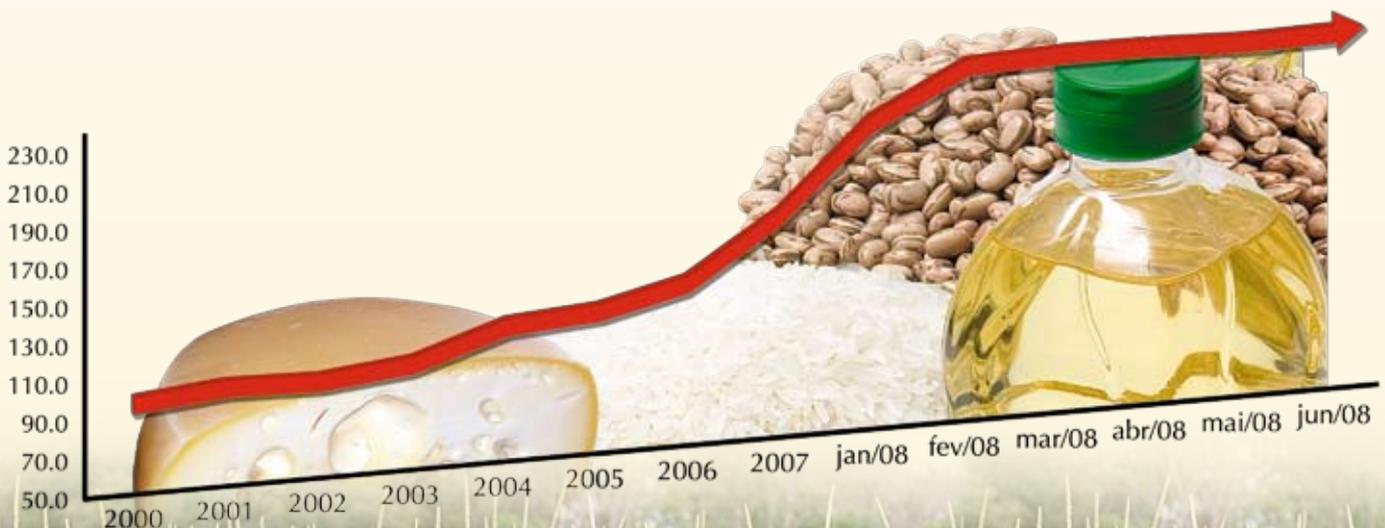
junho, mas ainda 180% superior ao de dezembro de 2005.

É ainda muito cedo para prever se já alcançamos o pico dos preços dos alimentos. Há ainda fatores para sustentar os preços dos alimentos: barril do petróleo acima de US\$ 100, manutenção do crescimento da renda nos países emergentes, aquecimento global e restrições com terra e água para aumento de plantio.

A alta dos alimentos é positiva para o produtor porque abre novas oportunidades de investimento no agronegócio. No entanto, tem efeito negativo sobre o custo de vida da população, principalmente das camadas de menor poder aquisitivo – para as quais os alimentos têm um peso elevado no orçamento familiar. Outro ponto negativo é que os aumentos sucessivos de preços podem alimentar a inflação de um país e diminuir o poder de compra da sua população.

Em 2007, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), acumulou aumento de 4,46% - metade desse valor deveu-se à alta dos preços dos alimentos. O IPCA é o índice utilizado pelo governo brasileiro para determinar metas de inflação e políticas de juros. O índice é baseado na média do custo de vida nas 11 principais regiões metropolitanas do País para famílias com renda de 1 até 40 salários mínimos. No primeiro semestre de 2008, novamen-

### Preços dos alimentos duplicam em 8 anos Índice de Preço (global) dos alimentos da FAO



Fonte: Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO/ONU). O Índice de Preços dos Alimentos é composto por 6 grupos de commodities: carnes, cereais, lácteos, óleo, gordura e açúcar. A ponderação de cada grupo no Índice é definida com base em sua participação nas exportações mundiais de 1998/2000.

te os alimentos foram responsáveis por metade do IPCA: dos 3,64% acumulados no período, os alimentos participaram com 1,88%, isto é, com 52% do índice.

Os hortifrutícolas, principalmente o tomate e a batata, são comumente destaques

do IPCA e de outros índices de inflação no País quando se avaliam as maiores variações de preços. Mas, quando se observa a contribuição de cada item para a formação do índice total, a participação desses produtos é pequena quando comparada à de outros itens.

## Por que os preços dos alimentos subiram tanto?

Principais fatores da alta dos alimentos de 2006 a 2008 (primeiro semestre)\*:

### Do lado da oferta:

- **PROBLEMAS CLIMÁTICOS:** reduziram a produção de alimentos em vários países do mundo. Nos últimos anos, a oferta de trigo recuou na Austrália e na Argentina – grandes produtores mundiais – em função de fortes secas. No caso dos hortifrutícolas no Brasil, as fortes chuvas no Nordeste no início do ano têm atrapalhado o calendário de plantio e colheita da cebola, melão e da uva nos últimos anos. Produtores evitam programar colheita de uvas sem sementes no primeiro semestre com receio de que fortes chuvas estraguem a produção.
- **BAIXOS ESTOQUES MUNDIAIS:** a redução dos estoques, principalmente dos cereais, desde meados da década de 90, é outro fator que contribuiu para a alta dos alimentos. Segundo a FAO, os estoques globais decresceram cerca de 3,4% ao ano entre 1995 e 2007. A queda dos estoques globais de cereais não afeta diretamente os hortifrutícolas, mas pode limitar sua expansão, visto que alguns produtores no Sul do País e em Minas Gerais, atraídos pelos bons preços dos grãos, podem optar por cultivar mais cereais que hortaliças. A expansão da área com grãos tende também a aquecer a demanda – e os preços – por certos insumos, principalmente fertilizantes, que são utilizados em hortaliças e frutas.
- **ALTA DO PETRÓLEO:** esse fator teve um efeito direto nos custos de produção agrícola, inclusive de hortifrutícolas. O preço no mercado internacional de alguns fertilizantes derivados do petróleo, como o superfosfato, aumentou mais de 160% nos primeiros dois meses do ano em comparação com o mesmo período em 2007. O valor do frete dos alimentos também encareceu. No final de 2005, o valor do barril de petróleo era US\$ 60 e, na primeira semana de agosto, ultrapassava a casa dos US\$ 110. A cadeia hortifrutícola nacional também foi muito prejudicada pela elevação dos preços dos fertilizantes e do valor do frete, aumentando significativamente seus custos.

### Do lado da demanda:

- **POLÍTICA DOS BIOCOMBUSTÍVEIS:** O mercado emergente dos biocombustíveis ampliou a demanda por commodities agrícolas como a cana-de-açúcar, milho, óleos vegetais e mandioca. O efeito mais visível sobre outros setores agropecuários foi o do etanol feito a partir do milho nos Estados Unidos, que encareceu a ração animal. Em relação aos hortifrutícolas no Brasil, o impacto mais evidente dos biocombustíveis nos últimos anos foi visto sobre a citricultura, principalmente no norte paulista, onde alguns produtores erradicaram pomares para plantar cana-de-açúcar.
- **AUMENTO DO CONSUMO E MUDANÇA NOS HÁBITOS ALIMENTARES:** o aumento de renda em países emergentes alavancou a demanda por alimentos, além de também mudar os hábitos de consumo. Um exemplo é a diversificação da dieta em países asiáticos, onde a população passou a consumir mais carnes e produtos lácteos, por exemplo. Segundo a revista *The Economist* de 06/12/2007, os chineses consumiam 20 kg de carne em 1985 e, em 2007, a média era de 50 kg. A produção de carne aquece também a demanda por grãos: são necessários 8 kg de grãos para se produzir 1 kg de carne bovina, segundo a revista. Já sobre a produção brasileira dos hortifrutícolas, mais voltada ao mercado doméstico, o aumento do consumo dos asiáticos teve impacto nulo. Mesmo no caso da melhoria da renda do consumidor brasileiro, o efeito sobre os hortifrutícolas foi pequeno, segundo os comerciantes de frutas e hortaliças.

\* Para mais informações, consulte: artigo "The end of cheap food" publicado na *The Economist* de 6 de dezembro de 2007 ([www.economist.com](http://www.economist.com)) e o relatório da FAO "Aumento de los precios de los alimentos: hechos, perspectivas, impacto y acciones requeridas", de abril de 2008 ([www.fao.org](http://www.fao.org)).

## INFLAÇÃO VERSUS VALORIZAÇÃO DOS HORTIFRUTÍCOLAS

A inflação dos alimentos ocorre quando há uma alta contínua de vários produtos, como se observou em 2007 e no primeiro semestre de 2008. O conceito de inflação nada mais é que aumento contínuo e generalizado dos preços de uma cesta de bens e serviços.

Já para o segundo semestre deste ano, é possível que os preços dos alimentos não registrem novos aumentos significativos, o que evitaria impacto na inflação. Por outro lado, pode ser também que eles não caiam dos patamares atuais. Segundo Paulo Picchetti, coordenador do Índice de Preços ao Consumidor (IPC) da Fundação Getúlio Vargas, deveremos ter inflação baixa com preços altos neste semestre, conforme noticiado na Agência Estado em 19/08/08.

Outro ponto a ser analisado é a participação dos alimentos no índice geral de inflação, que inclui uma gama de bens e serviços. No Brasil, os alimentos e bebidas correspondem a cerca de 22% do IPCA, do IBGE. Em 2007, os preços dos alimentos acumularam reajustes de 10,79%, segundo o IBGE, sendo que o impacto sobre a inflação (IPCA) foi de 2,21% no ano – o IPCA aumentou 4,46%.

Já no Índice Nacional de Preços ao Con-

sumidor (INPC), também do IBGE, os alimentos representam 30%. O maior peso está ligado ao perfil da amostra, que são famílias com renda de até seis salários mínimos. Na média das economias emergentes, segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI), os alimentos pesam em média 37% nos índices de inflação locais, evidenciando que a variação nos preços dos alimentos tem um impacto maior sobre as classes de menor poder aquisitivo.

Quando é analisada a série de preços reais, considerou os preços coletados pela Equipe **Hortifruti Brasil/Cepea** no mercado atacadista de São Paulo (Ceagesp) entre os anos de 2002 e 2008 (primeiro semestre). Os preços do atacado foram corrigidos pelo Índice Geral de Preços - Disponibilidade Interna (IGP-DI), da Fundação Getúlio Vargas.

Para avaliar o comportamento geral dos hortifrutícolas no atacado de São Paulo, a equipe da **Hortifruti Brasil** construiu o Indicador de Preços Hortifruti/Cepea que pondera os preços no atacado de São Paulo (Ceagesp) de nove produtos levantados pelo Centro (banana, batata, cebola, laranja, mamão, manga, melão, tomate e uva). Maçã e cenoura ainda não integram esse

### O peso dos hortifrutis é pequeno no cálculo da inflação (Estrutura de ponderação de julho de 2008 - IPCA -Brasil/IBGE)

#### PESO DOS HORTIFRUTIS (%)

Tomate	0,23
Batata	0,22
Banana	0,15
Cebola	0,13
Laranja	0,12
Maçã	0,09
Cenoura	0,08
Mamão	0,08
Uva	0,06
Tangerina	0,05
Manga	0,03
Melão	0,002
Limão	0,001

**15,3%** da ponderação do IPCA vem dos alimentos consumidos nos domicílios. Os principais itens do grupo dos alimentos são: Carnes + Ovos (4% do IPCA total), Leite (2.1%) e Hortifrutícolas (1.7%).





**Isso aqui é o Brasil  
que produz com muito  
mais qualidade.**

**Isso é o Brasil que usa Nativo.**

O fungicida da Bayer CropScience de excelente controle preventivo com:

- Eficácia contra muito mais doenças;
- Prolongado período de proteção;
- Culturas protegidas com muito mais produtividade e qualidade.

Nativo tem o que você precisa. Afinal,  
é feito pela nossa gente, para nossa terra.



ATENÇÃO: Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Use adequadamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na etiqueta ou faça-o a quem não trabalhar por. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo. Venda sob receituário agrônomo.



**Bayer CropScience**  
Se é Bayer, é bom.

**NATIVO**



Protege muito, contra mais doenças.

cálculo porque as pesquisas sobre esses produtos foram iniciadas em 2008. Para definir a participação de cada produto no Indicador Hortifrutí/Cepea, foi considerado o consumo médio das famílias brasileiras indicado pela Pesquisa de Orçamento Familiar (POF), do IBGE, de 2003.

Com os dados disponíveis, foi possível calcular o Indicador a partir de 2002. A análise da série anual corrigida pela inflação (IGP-DI) deixa clara a existência de ciclos de alta e baixa, mas o total de dados disponível – 7 anos – ainda é insuficiente para se definir a duração dos ciclos de cada produto. Apesar disso, é importante destacar que o Indicador do primeiro semestre de 2008 é o maior – comparado com

médias dos anos anteriores –, atingindo o valor médio de R\$ 1,10/kg.

Os preços oscilam principalmente em função da oferta, que reflete as condições climáticas e/ou aumento/redução de área plantada. A forte alta do Indicador neste semestre se justifica pelo reajuste acentuado dos produtos de maior ponderação do cálculo: tomate, batata, banana e cebola. Por sua vez, as causas diretas para tais diminuições do volume foram redução de área plantada e excessos de chuva no primeiro semestre.

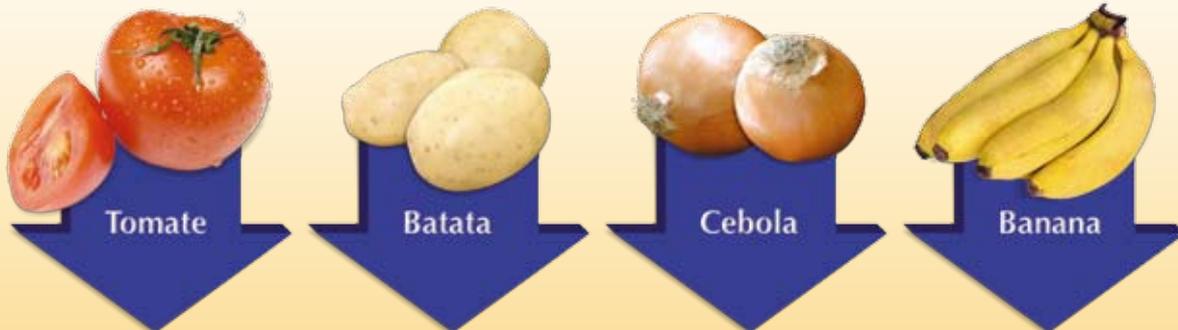
O IPCA (varejo) também captou elevadas variações de preços dos hortifrutícolas no primeiro semestre. Os destaques foram o melão e o

### Recorde de preços no primeiro semestre de 2008 (R\$/kg)

ANO	TOMATE	BATATA	CEBOLA	BANANA
2001	1,12	0,93	nd	nd
2002	1,29	1,19	0,95	0,30
2003	1,17	1,06	0,76	0,50
2004	1,37	0,99	1,31	0,42
2005	1,27	1,13	0,94	0,28
2006	0,97	0,95	0,75	0,45
2007	1,22	1,00	0,86	0,38
01-06/08	1,40	1,02	1,50	0,50

Fonte: Cepea

### A tendência, no entanto, é de queda no segundo semestre



Animados com o resultado obtido no primeiro semestre, tomaticultores investem mais neste segundo semestre, ampliando a área. Além disso, o clima tem sido favorável à cultura, podendo melhorar a produtividade.

Produtores investiram mais em área de plantio, quando comparado ao primeiro semestre. Além disso, a disponibilidade interna será maior dada a previsão de queda nas exportações brasileiras para a Argentina neste segundo semestre.

A oferta será maior neste semestre porque um número maior de regiões estará colhendo em comparação ao primeiro semestre. Naquele período, a oferta era formada basicamente pelo produto do Sul e importado.

A oferta será maior, principalmente porque houve um deslocamento da safra do primeiro semestre para o segundo.

tomate, com aumentos acumulados de 124,39% e 106,41%, respectivamente, no semestre. No entanto, a participação destes dois itens no total do IPCA é muito pequena. O peso do conjunto de hortifrutícolas na composição total do IPCA é de 1,7%. Isso mostra que é questionável o destaque que se dá aos hortifrutícolas como vilões da inflação. Considerando somente os produtos-alvo da **Hortifruti Brasil**, o peso é de 1,2% do IPCA total. Do grupo de alimentos (incluindo bebidas), esses hortifrutícolas representam 7% (ver box na página 10).

Para o segundo semestre de 2008, os analistas da **Hortifruti Brasil** estimam que a tendência dos preços da maioria desses produtos é

de queda quando comparados aos do primeiro semestre (ver tabela abaixo). Uma das razões é a maior oferta, principalmente dos que apresentam maior consumo do brasileiro: batata, tomate, cebola e banana. O aumento da produção deve-se ao clima mais favorável e à capitalização dos produtores, devido à melhor rentabilidade obtida no primeiro semestre.

Assim, os hortifrutícolas-alvo da **Hortifruti Brasil**, principalmente o tomate e a batata, também deverão ter menos destaque nas notícias sobre inflação neste semestre. A tendência é que os preços desses dois produtos – entre agosto e outubro – sejam muito inferiores aos observados no primeiro semestre.

MANGA	UVA	MELÃO	MAMÃO	LARANJA
nd	3,04	1,31	1,36	0,92
1,09	2,84	1,72	1,10	0,85
0,76	2,62	1,63	1,05	0,75
0,94	2,37	1,98	1,64	0,59
0,70	2,79	1,68	1,47	0,61
0,61	3,19	1,66	1,27	0,69
0,77	3,10	1,41	1,19	0,66
0,61	2,57	1,78	1,15	0,61

nd = valores não disponíveis no período

Obs: todos os preços foram corrigidos pelo IGP-DIIFGV de julho de 2008



Tipicamente, a oferta de manga é maior no segundo semestre devido ao período de safra tanto em São Paulo como no Nordeste, principais produtores.

Historicamente, os preços no segundo semestre são superiores aos do primeiro para a uva itália no mercado doméstico devido à maior demanda e à menor oferta. A previsão é que essa tendência se mantenha para esse semestre, devido à melhor qualidade e à oferta regular.

A previsão é de maior oferta da fruta no segundo semestre devido ao pico da safra da principal região produtora: Ceará/Rio Grande do Norte.

A expectativa é de menor oferta em comparação ao primeiro semestre devido à redução na área de plantio por conta da descapitalização dos produtores.

A oferta deve ser maior, principalmente no último trimestre do ano. Apesar da quebra de safra prevista para este ano, o volume será maior que no primeiro semestre.

## COMO FICA O PRODUTOR?

Preços em queda não são nada bons para o produtor. Para agravar sua situação, os principais insumos do setor - fertilizantes, defensivos e frete - podem continuar com preços altos. Segundo o pesquisador do Cepea Mauro Osaki, os preços dos fertilizantes, principalmente os fosfatados e cloretos, base para os adubos formulados (N-P-K), têm correlação positiva com os preços das commodities agrícolas - principalmente soja e milho - e com o valor do petróleo. Enquanto esses produtos continuarem em alta no mercado internacional, é difícil que os preços dos fertilizantes recuem para os níveis observados antes de 2007, afirma Osaki.

Quanto ao petróleo, a estimativa é de alguma desvalorização neste semestre e em 2009, em comparação com o primeiro semestre de 2008, mas ainda deverá manter-se em patamar elevado historicamente. O motivo para alguns recuos é a possibilidade de desaquecimento da economia mundial, principalmente dos Estados Unidos e da Europa.

Os defensivos também não deverão recuar de preços no curto prazo por conta dos baixos investimentos nos últimos anos por parte das empresas produtoras em capacidade instalada e na formulação de novos ingredientes ativos, bem como na ampliação do volume dos já conhecidos. Antes da retomada dos preços das commodities, a perspectiva das empresas de defensivos era que o mercado iria reduzir devido ao avanço da biotecnologia.

Assim, não estavam preparadas para a guinada da agricultura a partir de 2006. Apesar dos recentes investimentos, o aumento dos ingredientes ativos poderá se equilibrar com a atual demanda somente em 2010, na opinião de alguns especialistas.

Nesse cenário de encarecimento da produção, a renda dos hortifruticultores pode diminuir caso a produtividade não compense eventuais retrações de preços, muito comuns em casos de concentração da colheita. Isso pode acelerar ainda mais a volatilidade dos preços nos hortifrutícolas num período seguinte, tendo em vista que, no próximo ano, parte dos produtores poderá estar descapitalizada e reduzir a produção.

O ciclo de preços é comum nos hortifrutícolas. A diferença daqui por diante, talvez, seja a intensidade das oscilações. As altas são inversamente proporcionais à capitalização do produtor. Quanto mais capitalizado estiver o produtor, maior será a produção e menor a alta ou maior a queda de preços.

No último ciclo de queda observado no setor - 2005 e 2006 -, o produtor conseguiu amenizar sua descapitalização graças ao aumento de produtividade e queda dos preços dos insumos com a desvalorização do dólar. Porém, neste semestre, a "armadilha" é que os custos estão mais altos e há um espaço menor para ganhos de produtividade. Nesta "armadilha" perdem todos: o produtor e o consumidor final. ■



# Seção Eletrônica Hortifruti Brasil

Informações semanais sobre o seu produto.

BANANA

TOMATE

BATATA

CITROS

CENOURA

CEBOLA

MAÇÃ

MANGA

MAMÃO

UVA

MELÃO



## O que é

A Seção Eletrônica **Hortifruti Brasil** é o mais novo meio de divulgação dos preços coletados pelo Hortifruti/Cepea sobre dez produtos hortifrutícolas (banana, batata, cebola, citros, mamão, manga, melão, tomate e uva) realizadas pela equipe **Hortifruti**. Logo, cenoura e maçã também serão inclusas no projeto.



## Como funciona

Para receber semanalmente a Seção Eletrônica por e-mail, os interessados devem se cadastrar. Nessa primeira fase do projeto, serão dez Seções Eletrônicas (uma para cada cultura-alvo da **Hortifruti Brasil**) enviadas todas as segundas-feiras com preços diários (batata, citros e tomate) e semanais (demais produtos) para as pessoas cadastradas.



## Cadastre-se

Para se cadastrar é necessário entrar na página da **Hortifruti Brasil** no site do Cepea [www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil](http://www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil)



## Contato

Caso tenha alguma dúvida ou sugestão, entre em contato conosco.

**Hortifruti/Cepea - Esalq/USP**

Av. Centenário, 1080

Piracicaba (SP) - Cep: 13.416-000

E-mail: [hfbrasil@esalq.usp.br](mailto:hfbrasil@esalq.usp.br)

Telefone: 19 3429.8808

MAIOR COMUNIDADE  
**HORTIFRUTÍCOLA**  
DA INTERNET



Faça aqui seu cadastro!